

## **TRABALHO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA E PRÁTICA SOCIAL: RELAÇÕES COM A CONCEPÇÃO DE TRABALHO CAPITALISTA**

GARCIA, Fátima Moraes<sup>1</sup>; KUNZ, Eleonor<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este texto procura contribuir com o aprofundamento da reflexão sobre o trabalho docente em Educação Física, partindo da prática social que o mesmo [re]produz. Portanto busca trazer algumas questões e conclusões acerca da relação Educação Física/Espportes e Mundo do Trabalho, visto o entendimento de que esta área de conhecimento esta atrelada a uma condição histórica de suporte ideológico, eminentemente, direcionada para a concepção hegemônica de sociedade, fazendo-se cumpridora dos interesses sócio-políticos de uma minoria dominante.

**UNITERMOS:** Trabalho Docente, Educação Física, Projeto Capitalista.

---

---

<sup>1</sup> Prof. Ms. em Ciência do Movimento Humano/ CEFD/ UFSM, e Prof. URCAMP/ Bagé.

<sup>2</sup> Prof. Dr. UDESC.

## INTRODUÇÃO

Partimos do entendimento que a Educação Física/Espportes é um fenômeno que participa da [re]produção de conhecimento, da formação/educação, da escola, do mundo de vida de homens e mulheres trabalhadores. Queremos dizer que a EF/E enquanto fenômeno sócio-político confere também existência a [re]produção do modelo de sociedade vigente, onde o trabalho docente cumpre um papel relevante, de legitimador desse modelo através de sua práxis.

Sabemos que o corpo de conhecimento que constitui a Educação Física é tão importante quanto aqueles que constituem a matemática, o português, a história, etc., para a formação de homens e mulheres, sendo assim um campo de relevante importância no momento em que optamos em fazer a reflexão crítica de seus conteúdos, metodologias e práticas pedagógicas. Entendemos que esta reflexão deveria estar presente em todas as áreas de conhecimento e ser tomada como contribuição interdisciplinar, porém neste texto nos limitaremos a tratar dos 'produtos' pedagógicos da Educação Física e sua ligação com a prática social.

Adentraremos na questão da Educação Física a partir de um campo prático/objetivo que é comum a todas áreas do campo educacional, o trabalho docente, na intenção de situá-lo através do contexto amplo de suas relações, ou seja, sócio-político, visto que o histórico denota sua própria forma de manifestação, estando portanto somado a esta reflexão teórica.

Na Educação Física percebemos que é bastante evidente a relação que possui com a concepção de trabalho oriunda das relações de produção capitalista, procuraremos em face dessa questão entender um pouco mais sobre a essência do trabalho docente em nossa área de atuação profissional, e para tal precisamos entender seu resultado enquanto prática social.

Pontuaremos aqui mais especificamente contribuições de Silva (1996), sobre Educação Física e o mundo do trabalho e algumas abordagens críticas levantadas por Bracht (1992), onde discute a relação Educação Física e Esportes como processo de socialização e ajustamento de seus praticantes a sociedade capitalista. Trazemos o estudo de Bracht para sustentar o quanto nossa ação enquanto 'professor' pode ou não ser reprodutora de relações sociais, já o estudo de Silva (1996) para entendermos que a EF faz parte de um viés ideológico que encampa a concepção de trabalho capitalista.

### **EDUCAÇÃO FÍSICA E MUNDO DO TRABALHO: Qual prática social?**

Para o encaminhamento desta questão começamos com a abordagem de Silva (1996) expressando que, dentre as atividades que englobam a Educação Física,

principalmente o Esporte e Lazer, carregam consigo as mesmas características da sociedade moderna, pois estão vinculadas ao desenvolvimento sempre crescente da produtividade, centradas na perspectiva científica e tecnológica.

Silva explica que os principais pressupostos do mundo do trabalho tiveram fundamental importância na organização e consolidação da Educação Física, sendo tais pressupostos: a instrumentalização, produtividade, valorização das categorias “meio” e “fim” e a redução de toda a atividade humana ao princípio da utilidade. Devido esses pressupostos, a Educação Física, inclusive a escolar, esteve historicamente vinculada à qualificação de mão-de-obra e a formação do trabalhador coletivo. Também a Educação Física foi dada como um instrumento eficaz de prevenção e compensação dos problemas de saúde – causados pelas atividades desempenhadas no trabalho.

Sendo assim, desde o início do processo de industrialização no Brasil, a Educação Física/Esportes tiveram papéis decisivos na manutenção da saúde do trabalhador, onde além dos pressupostos colocados acima, destinava-se a impor certos hábitos de higiene que deveriam começar pelos estudantes e chegar às famílias dos trabalhadores.

Em relação as instituições escolares, Soares *apud* Silva 1996, salienta que todas as escolas que tinham a disciplina Educação Física possuíam objetivos em comum, como:

- 1º) a regeneração da raça
- 2º) à promoção da saúde
- 3º) o desenvolvimento da vontade, da coragem e da força
- 4º) o desenvolvimento da moral

Em síntese, estes objetivos ligavam-se à manutenção de uma saúde pública de interesse da nova organização social, onde a promoção da saúde era, principalmente, estimulada em decorrência do processo de industrialização, (primeiras décadas do século XX), que se iniciava nessa fase de desenvolvimento sócio-econômico no Brasil. Outro aspecto ideológico embutido nesses objetivos voltavam-se à defesa da Pátria e à disciplinarização física e moral dos alunos, tão logo refletida na família e nas relações de produção do trabalhador.

Compartilhando da crítica sobre a intencionalidade da Educação Física em relação a classe trabalhadora, Arendt *apud* Silva 1996, confirma que as principais atividades que definem a condição humana e a Educação Física são o labor, o trabalho e ação – atividades com significados oriundos do mundo do trabalho. De acordo com Silva, essas atividades tentam dar sustentação à própria vida e se enquadram no conceito dado por Marx à atividade do labor, ou seja, ‘consumo produtivo’, onde “*o objetivo destas atividades físicas e de lazer consideradas compensatórias e utilitárias, nada mais é do que manter o sistema produtivo funcionando*” (pg.96).

De acordo com a compreensão de Arendt *apud* Silva (1996), o trabalho define-se como atividade que foge a atender as necessidades orgânicas do homem, na verdade atende à produção de um "mundo artificial", atende uma construção de coisas que não fazem parte da natureza humana. Analisando sobre esse aspecto, a Educação Física produz esse mundo artificial, por exemplo, quando a atividade exige a melhoria da performance física, principalmente, no caso dos esportes de 'alto nível' – que possui, como sabemos características semelhantes ao trabalho.

Atividades com essa perspectiva, ou seja, performance, rendimento, sobrepujança, etc., obviamente que não visam a atender as necessidades naturais do homem. Bem ao contrário, exigem condições físicas fora dos limites/capacidades humanas, que somente com o uso de tecnologias e ciência conseguem, na maioria das vezes, os resultados pretendidos.

Através dessas perspectivas essas atividades manifestam os pressupostos mais cruéis que encontramos determinando o mundo do trabalho: são atividades descoladas da realidade humana e portanto artificiais. A Educação Física (e mais especificamente os esportes), nessa perspectiva "visam, [sim], a melhoria do rendimento corporal pautado pela exploração do corpo". (pg.97). Sustenta Silva que, o esporte moderno pode ser considerado a expressão mais acentuada de produção de artificialismo.

Obviamente que com o desenvolvimento/avanços da ciência e das tecnologias os laços entre a concepção moderna de trabalho e a Educação Física/Espportes tornaram-se mais sólidos. Inclusive a Educação Física escolar por ter, historicamente, assumido a mesma racionalidade [re]produzida no interior das relações de produção capitalista, de tal forma que, de acordo com Castellani *apud* Bracht (1992), ao ter analisado documentos e a legislação relativos à Educação Física desde a década de 30 - (séc. XX),

*"chegou basicamente a conclusão de que esta tem cumprido o papel de reforçar a estereotipação do comportamento masculino e feminino, tem colaborado para o adestramento físico, necessário tanto à defesa da Pátria quanto a manutenção da força de trabalho necessária aos interesses da classe dominante."* (pg.58)

Fica evidente, portanto, que a base da prática social [re]produzida pela Educação Física/Espportes tem ocorrido absolutamente dentro das normas e regras que regem o modelo de sociedade capitalista. Tanto que a legitimação de sua prática tem se dado pelo cumprimento de tarefas subordinadas à vontade da classe dominante, salientando Bracht (1992), que a inclusão da Educação Física nos currículos escolares se devem ao fato da promoção de socialização das crianças através das atividades esportivas - lembrando que este é um fato defendido por muitos educadores da Educação Física/Espportes. Porém, o

problema está é na concepção que permeia essa socialização.

Entendemos que o importante neste fato para nossa reflexão crítica (de inclusão da Educação Física nos currículos e a socialização) volta-se a dois aspectos, mais especificamente: em primeiro, à compreensão do significado de socialização e em segundo os elementos de socialização gerados pelas atividades esportivas.

Em relação aos elementos dessa socialização, estes caracterizam-se segundo Bracht (1992) pelas seguintes afirmações:

*"a criança através do esporte aprende que entre ela e o mundo existem "os outros", que para a convivência social precisamos obedecer determinadas regras, ter determinado comportamento; aprendem as crianças, também, a conviver com vitórias e derrotas, aprendem a vencer através do esforço pessoal; desenvolvem através do esporte a independência e a confiança em si mesmos, os sentido de responsabilidade, etc."* (pg.59)

Todas essas afirmações tem para o autor em comum, o fato de identificarem um papel positivo-funcional para o esporte no processo educativo, assim reconhecendo a Educação Física/Espportes como instituições autônomas, isoladas e funcionais, por colaborarem para a funcionabilidade e harmonia da sociedade na qual se inserem.

Apesar das afirmações anteriores terem o objetivo de justificar o processo de socialização através do esporte, Bracht indica que este produz um sentido contrário àquilo que se pretende socializador, ou seja, de não socialização.

Cabe, agora, retomar a questão referente ao significado de socialização, quer dizer, como e para que é concebido a 'socialização' promovida pelas atividades desportivas (por aqueles que assim a defendem) através das afirmações colocadas anteriormente? Podemos sugerir a seguinte resposta: percebemos que o fator ideológico se deixa transparecer nas afirmações - caracterizando o significado de socialização -, e no motivo da inclusão da Educação Física nos currículos exposto por Bracht; também percebemos a manifestação da alienação e reprodução por parte dos professores e da própria Escola dos modelos de socialização (concebidos pelas relações sociais dominantes) no momento em que aceitam os elementos de socialização das atividades esportivas como positivos e úteis aos alunos, colaborando portanto para a manutenção da concepção de trabalho capitalista.

Então, como justifica Bracht, o que existe na verdade é uma não socialização promovida pelas atividades esportivas, (de acordo com o significado ideológico/dominante de socialização). Este autor confirma sua posição acrescentando outras afirmações que denotam a não socialização, as quais são:

- pelas regras das competições o esporte imprime no comportamento às normas desejadas da competição e da concorrência;
- as condições do esporte organizado, ou do rendimento são simultaneamente as condições de uma sociedade de estruturação autoritária;
- o ensino dos esportes nas escolas enfatiza o respeito incondicional e irrefletido às regras, e dá a estas um caráter estático e inquestionável, forja um "conformista feliz e eficiente";
- o aprender as regras significa reconhecer e aceitar regras pré-fixadas.

São, obviamente, estas afirmações que demonstram proximidade ideológica da Educação Física/Esportes com a concepção moderna do trabalho, pois a socialização, numa acepção acrítica, como foi levantada e questionada por Bracht, nada mais é que adaptação e ajustamento de crianças e jovens a um modelo de relações sociais, onde boa parte dessa tarefa (de adaptação e ajustamento) é cumprida pelas instituições educacionais. Sabemos ainda que, prevalecem nessas instituições os interesses, valores/princípios da classe hegemônica, fato que leva Bracht (1992) à seguinte expressão: "*o processo de socialização não é um processo neutro de um contexto de valores específicos*" (pg. 61), afinal, "*os valores que são inculcados são os valores dominantes, como lembram Marx e Engels,...., são sempre os valores da classe dominante*" (ib.id.). Como conseqüência essa socialização reproduz, numa verdade sem máscaras as desigualdades sociais, como na afirmação de Bracht: "*é a própria dominação se processando*" (idem).

Entre os vários conceitos apresentados por Marx, que definem papéis sociais e individuais na sociedade capitalista, encontramos (como já foi relatado) alguns conceitos que marcam fortemente a relação mundo do trabalho e Educação Física, visto que apresentamos, por exemplo, a questão ideológica e a concepção moderna de trabalho introduzidas na prática social da Educação Física e Esportes. Porém, pode-se, ainda, pelos fundamentos marxistas, relacionar de forma mais específica a Educação Física com a própria divisão do trabalho e sua organização.

Apontamos, anteriormente, através da crítica marxista que a divisão do trabalho capitalista representa-se pela separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, característica facilmente identificável na maioria das atividades da Educação Física/Esportes, onde, em especial, identificamos o esporte moderno visto o alto grau de racionalização e especificidade que apresenta, levando seus praticantes a uma elevada fragmentação em seus aspectos físico e intelectual, sendo este último bastante reduzido em detrimento do físico.

Ao falarmos na semelhança existente entre a organização social do trabalho e a Educação Física/Esportes, basta observarmos como funciona a estruturação organizacional e administrativa de uma empresa e seus cargos hierárquicos e logo observar um clube

esportivo, ou até mesmo uma Escola. O que encontraremos nestes últimos?

Encontraremos características similares a do funcionamento da empresa - (da divisão social do trabalho e sua forma de organização)-, onde cada indivíduo e/ou grupo assume um papel determinado a posteriori e muito bem condicionada para os fins/resultados desejados. Ou seja, encontramos no clube: o diretor (na Escola também); os dirigentes (na escola os supervisores técnicos e ou pedagógicos); os funcionários com cargos específicos/com especialidades (igual na Escola); o treinador físico e técnico (na Escola o professor de Educação Física) e finalmente os atletas (e na Escola os alunos).

Por serem os mesmos pressupostos da divisão social do trabalho - da organização empresarial - os encontrados nas diferentes modalidades esportivas, de acordo com Silva (1996), isto provoca a universalização de tais modalidades, levando-as a um sistema de determinadas 'necessidades' sociais e reduzindo significativamente as possibilidades de intervenção dos indivíduos (atletas ou não) no contexto dessas modalidades/atividades.

### **EDUCAÇÃO FÍSICA E TRABALHO DOCENTE: Ciência e hegemonia**

Ao trazermos as abordagens e críticas feitas por Silva (1996) e Bracht (1992) à concepção hegemônica de Educação Física/Espportes e sua prática social, percebemos que são assuntos mercedores de inúmeros estudos, análises e provocações no sentido de trazer para esta reflexão crítica, principalmente, os professores de Educação Física que se encontram subsumidos pelo cunho ideológico e ao mesmo tempo alienante [re]produzido pelas circunstâncias sócio-políticas originárias e fomentadas pelas relações de poder dominante.

Se faz necessário, sim, entendermos para que tem servido a Educação Física/Espportes, qual valor social ela possui e porque simplesmente abraçamos uma pseudo neutralidade frente a nossas produções de conhecimento e/ou atuação profissional. Por isso, devemos nos perguntar: o trabalho docente na Educação Física tem contribuído para a negação da concepção de atividade humana/trabalho crítica e emancipatória ou não?

Para respondermos esta questão podemos discorrer sobre vários aspectos ligados a Educação Física. De certo modo, alguns desses aspectos foram contemplados anteriormente, ao falarmos sobre a prática social produzida pelo trabalho docente. Mesmo assim, consideramos relevante tratar do direcionamento, histórico, que nossa área tem absorvido em suas produções de conhecimento, as quais também vão nos ajudar a responder se a Educação Física tem contribuído ou não para uma formação humana crítica e emancipatória.

Tomamos conhecimento através de Silva (1997) que as produções de conhecimento na Educação Física predominam no campo empírico-analítico, vertente

que como sabemos, encontra-se historicamente atrelada às ciências positivistas, as quais por sua vez encontram-se articuladas a uma visão de mundo sustentada pela neutralidade e naturalidade científica. Porém, vale ressaltar que esta predominância não ocorre por acaso, mas por uma tendência ideológica que absorveu a Educação Física e os Esportes no Brasil, praticamente desde o momento que estes começaram a fazer parte do contexto deste país, a mais de um século.

A tendência que estamos falando vê a EF/Esportes como meio de desvirtuar a atenção do povo brasileiro daquilo que poderia levá-los a perceber criticamente o contexto político-social que se enraizava em nosso país, cada vez mais, com o início do processo de industrialização, nas primeiras décadas do século XX, e que ao mesmo tempo instrumentalizava-os para o trabalho. Para tanto, as tendências higienista e militarista de Educação Física contribuíram enormemente (Ghiraldelli, 1994).

Este processo, como sabemos, vinculava-se ao fortalecimento das relações de produção capitalistas de países estrangeiros, em destaque os Estados Unidos, com o Brasil. Para tanto, a Educação em nosso país se iniciava na dura tarefa de processar *mentes e corpos* para o trabalho industrial e fabril, assim como para a proteção de sua pátria.

No início do século XX, por volta da segunda década, surgem os primeiros cursos de Educação Física no Brasil. Mais especificamente temos conhecimento do curso provisório desenvolvido pelo Centro Militar em 1929 (Rio de Janeiro), mais adiante, na década de 30, são implantados outros cursos visando a formação profissional, inclusive em nível superior (Melo, 1995). Mais tarde, na década de 70, começam a ser aprovados os cursos de pós-graduação.

Os cursos de pós-graduação, como não poderia ser diferente, visto suas raízes históricas, surgem respaldados pela concepção positivista de ciência. As pesquisas em Educação Física oriundas desses cursos de pós-graduação, como acrescenta Souza (1999), vinculam-se ao desenvolvimento de conhecimentos em *medicina esportiva, fisiologia, cineantropometria, etc.*, estruturados em métodos de observação, experimentação e comparação, quer dizer, métodos que compõem a matriz empírico-analítica.

Podemos dizer que as produções de conhecimento em Educação Física espelharam nesse período (década de 70) aquilo que correspondia à ideologia dominante. O próprio governo usava os esportes de alto rendimento, como o futebol, para ofuscar a visão de seu povo sobre as políticas 'trabalhistas' e 'nacionalistas' que promovia em nome do desenvolvimento econômico, através da colagem de modelos norte-americanos e europeus, o que podemos dizer que muito pouco se diferencia da atual conjuntura.

Em relação à inserção dos cursos de pós-graduação em Educação Física/Esportes, ocorreram com enorme apoio governamental, e Bracht *apud* Souza (1999), especifica, então, algumas iniciativas do governo para o desenvolvimento de pesquisa em nosso área,

as quais são:

- Envio de grande número de professores para cursar pós-graduação no exterior, principalmente aos Estados Unidos;
- Convênios e intercâmbios com centros de pesquisa no exterior – á exemplo a Escola Superior de Colônia da Alemanha;
- Criação e implantação de cursos de pós-graduação na área da Educação Física/Ciências do Esporte;
- Implantação de laboratórios de pesquisa, em especial de fisiologia do esforço e cineantropometria, em centros universitários, como é o caso da UFRJ e URGs.

Salienta Souza (1999) que, “o objetivo consistia em assegurar o sucesso do sistema esportivo, uma vez que pesquisa em Educação Física e esporte coincidem simultaneamente” (pg. 62).

Partindo dessas iniciativas, tivemos a Educação Física inserida na produção ideológica de conhecimentos, marcadas pela concepção positivista de ciência, compartilhando dos interesses dos grupos/classe dominante. De certa forma este quadro pouco alterou-se até os dias atuais. Mesmo assim, talvez nada teria sido alterado se na década de 80 a Educação Física, predominante no meio acadêmico, não começasse a apontar indícios de uma crise em suas concepções, em seu papel social, em sua identidade, etc.

Crise, que gerou discussões, reflexões e produções teóricas mais críticas, as quais mexeram com as estruturas epistemológicas e ideológicas da Educação Física. Ghiraldelli (1994) refere-se, inclusive, que as discussões geradas nesse período (dec. de 80) foram decorrentes de uma “discussão maior que envolveu o país a partir do abrandamento do sistema repressivo instaurado pela Ditadura militar, situação essa que se verificou com maior velocidade e ênfase após a Anistia e, principalmente, após as eleições aos governos dos estados em 1982” (pg. 15).

Os estudos que de certa forma passaram a responder por essa crise na Educação Física, salienta Souza (1999), formularem-se mais claramente no campo epistemológico na década de 90. E como consequência articularam-se em volta da crítica à reprodução de valores, éticas, conceitos, paradigmas, que a Educação Física/Esportes, conscientemente ou não, através de diferentes manifestações vinha sendo a favor dos interesses da classe hegemônica no Brasil.

Isto nos leva a dizer que esta crise pouco modificou as concepções de Educação Física/Esportes e seu papel na sociedade, desde a década de 80. Souza e Silva (1997) retrata este fato ao fazer um mapeamento das produções de conhecimento na área de Educação Física e sua relação com os paradigmas de ciência concluindo que, a vertente empírico analítica ainda se faz dominante com 62,22% das produções, a nível de mestrado. Fazendo-se correntes nas produções mais antigas e também nas mais atuais.

Souza (1999) coloca que a concepção de Educação Física permanece absorvida pelo caráter mecânico e quantificável. A permanência desse caráter nas produções de conhecimento (pesquisas) deixam transparecer o atrelamento da Educação Física/Espportes, segundo Souza e Silva *apud* Souza, (1999), “à melhoria da saúde, à manutenção do bem estar social ou ainda como válvula de escape para a sociedade moderna (estress, excesso de trabalho, problemas posturais, etc.)” (pg.64).

Assim como estas autoras, não queremos dizer que a Educação Física/Espportes não contemplem em suas pesquisas temas e problemas de ordem física/orgânica do ser humano. Porém sabemos, a questão que fica obscurecida nessas pesquisas (as quais em sua maioria vinculam-se a vertente empírico-analítica) são suas não atribuições aos problemas de caráter social, político, cultural, etc., provocados pelas relações de produção capitalista sobre a maioria de nossa população. Visto que, como já sabemos, são estas relações que determinam a subjetividade e objetividade de homens e mulheres, criando nestes inúmeros problemas de toda ordem, não só os referentes à saúde. Fora, obviamente, as questões ideológicas e econômicas que permeiam nestas pesquisas, a exemplo, maior rendimento físico de atletas para aumentar seus índices em competições e a mercadorização dos esportes e do corpo humano.

Souza e Silva (1997) constatou que em minoria encontram-se as produções de conhecimento na área de Educação Física estruturados nas vertentes da Fenomenologia/hermenêutica (33,78%) e na crítico-dialética (12,16%). Com estes dados não nos resta outra afirmação se não a de que nossa Educação Física e Espportes são elitizantes e tem servido para os propósitos de manutenção e reprodução da ideologia capitalista.

Sendo esta questão amplamente discutida por alguns professores/pesquisadores da Educação Física, temos que admitir que trata-se de uma realidade em nossa área, a qual foi empiricamente comprovado por Souza e Silva (1997), discutido no âmbito da racionalidade por Souza (1999), e recentemente sobre a [re]produção da cultura e a subcultura por Ávila (2000). Estas são produções teóricas, entre outras, que tem nos ‘avisado’ e denunciado para que tem servido nossa Educação Física.

Assim, quando perguntamos: o trabalho docente está, atualmente, subsumido as leis gerais que regem a relação trabalho e capital? Independente de ser desenvolvido na escola, no clube, na universidade,...., “é” ou “não” subordinado aos interesses da classe dominante? Nos parece que basta para como resposta a esta questão os índices colocados anteriormente e sua forte relação com a concepção hegemônica de sociedade.

## CONCLUSÃO

### O processo do conhecer continua...

No sentido de reafirmarmos o que vem sendo abordado, porém buscando definir momentaneamente as questões colocadas, nos reportamos a Palafox (1997) que diz:

*“Na Educação Física/Esportes (assim como em outras práticas educacionais), o conhecimento produzido, explícita ou implicitamente, sustenta visões de homem, mundo, sociedade, assim como diversas formas de interação humana e papéis sociais que refletem uma forma de organização sócio-político-econômica.”*  
(pg.05)

Então, se não buscarmos entender como se manifesta a Educação Física/Esportes na realidade concreta não poderemos responder para que serve a Educação Física, qual seu valor social e menos ainda porque enquanto professores, em nosso trabalho, assumimos o seu caráter hegemônico.

Com certeza a necessidade de entender a Educação Física/Esportes em sua prática social é a preocupação de vários autores de nossa área, devido ser este em fenômeno que pode representar o caminho para a negação da prática alienada e ideológica reproduzida por nossa forma de trabalhar, assim como apontar caminhos para construirmos uma nova prática social. Sendo que, ao defender o caminho de uma nova prática social Palafox adverte que,

*“em qualquer esfera de trabalho onde o professor de Educação Física/Esportes exerça sua profissão, este não pode ser simplesmente considerado um agente pedagógico ou instrumento didático de animação social. Na verdade, em todos os casos em que se manifesta essa prática social, o professor é um agente político-pedagógico que, em teoria, deveria apresentar bases filosóficas e científicas suficientes para poder “dar conta”, além de seu fazer restrito (aula), das ações concretas para compreender a dinâmica social – onde desenvolve sua ação profissional – a fim de defender, conscientemente, seu projeto de educação e sociedade.”* (ib.id.)

Indo mais além Palafox salienta que o professor deve compreender (enquanto profissional e cidadão) como se constrói historicamente para situar-se no mundo. Para

esta compreensão, não pode o professor estar descolado do conhecimento e da prática social dos quais também é responsável, ao não compreender-se a partir destes elementos *"difícilmente poderá tomar consciência sobre o porquê determinadas 'coisas' ou fenômenos acontecem em sua área de atuação e, muito menos, será capaz de propor alternativas para transformar sua realidade de trabalho com base num projeto de sociedade mais humana e democrática"* (idem).

Assim, diante do que foi apresentado neste texto, não há como negarmos que a Educação Física/Espportes, historicamente, vem fazendo parte de um espaço cultural e educacional onde se propaga e se reproduz uma atividade humana fortemente atrelada a cultura corporal necessária as relações de produção capitalista. Em decorrência dos fatos apresentados não há como negarmos que o professor de Educação Física possui um relevante papel no cumprimento dessa tarefa.

Tanto isto é verdade que atividades físicas praticadas por atletas, alunos e/ou professores a partir dos moldes/concepções dominantes na Educação Física/Espportes, é tão estranhada/alienada a estes indivíduos quanto o produto do trabalho por quem o produz. Ou seja, é uma atividade externada ao indivíduo, que pouco ou nada acrescenta a sua condição humana (a sua formação ontológica), ao contrário, desqualifica e limita sua subjetividade e ao mesmo tempo lhe confere o caráter de objeto, de mercadoria. Fato este identificado tanto nas modalidades esportivas extra curriculares (campos informais), como dentro de nossas Escolas (campos formais), enfim, amplamente em nossa sociedade.

Portanto, justificamos a necessidade de contemplarmos e valorizarmos a vertente crítico-dialética em nossas produções de conhecimento, visto que através desta podemos correlacionar a história do desenvolvimento político e econômico da sociedade moderna com o contexto que surgiu e desenvolveu-se a força-de-trabalho como elemento principal da produção capitalista. Sem esquecermos a não opção de rumos que esta organização social tem dado a classe trabalhadora

Além de reconhecermos a importância de entendermos a História da nossa 'evolução' social e seus modos de organização, acreditamos que necessitamos desse conhecimento para entendermos que nosso mundo se dá em torno da dialética, onde a Educação Física/Espportes e sua gama de conhecimentos/saberes fazem parte e são responsáveis também pela produção de consciências. Assim, na maioria das práticas sociais da Educação Física/Espportes, esta não contempla a multiplicidade de concepções de movimento humano (atividades físicas e intelectuais) na escola, no clube, nos cursos de formação superior, etc., conduzindo assim crianças, jovens e adultos a uma prática determinada de movimentos/de pensar, a uma cultura corporal baseada nas formas e conteúdos da concepção de trabalho capitalista, conduzindo homens/mulheres a uma falsa consciência de si e do mundo que lhes rodeia, a uma falsa realidade.

Obviamente que a Educação Física/Espportes não se encontra dentro de uma

redoma de vidro isolado de todo o resto social. A Educação Física faz parte do mundo objetivo e subjetivo do processo de formação de homens e mulheres trabalhadores. Devemos reconhecer que a Educação Física/Espportes é um dos conhecimentos relevantes para a manutenção do modelo/cultura de atividade humana favorável à produção capitalista - assim como são outras disciplinas - sendo também um espaço importantíssimo, não só na Escola, mas em qualquer contexto, para a reflexão crítica sobre o trabalho/atividade humana como produto e produtor de formas de consciência e unilateralidade.

Podemos, então, dar como ponto definido que a Educação Física/Espportes possui características básicas da sociedade capitalista e é forte reprodutora da concepção hegemônica de trabalho.

Encontramos esta definição em inúmeros estudos produzidos sobre este tema em nossa área, mas mesmo assim queremos reforçar o pensamento crítico sobre essa realidade na intenção de entendermos o quanto nossa área de atuação se faz importante para forjar um conhecimento transformador, assumindo a oposição ao projeto capitalista, e ao mesmo tempo reconhecemos, "sem máscaras", o quanto a Educação Física é mantenedora desse projeto ao privilegiar em suas práticas os seus princípios ideológicos, políticos e econômicos. É notório que a Educação Física e Espportes nada possui de neutralidade em suas manifestações teóricas e/ou práticas.

Na presente reflexão contemplamos elementos para explicitar a relação existente entre Educação Física/Espportes e a atividade humana/trabalho, demonstrado, assim, a importância de *pensar* sobre essa relação, inclusive para fomentar a reflexão crítica naqueles professores/pesquisadores/intelectuais que se encontram satisfeitos com o rumo que tem tomado nossa profissão, principalmente a respeito da total subserviência ao que existe como '*mercado de trabalho*'. Precisamos urgentemente olhar por traz da cortina ideológica que constitui a Educação Física/Espportes e procurar entender que significado tem o trabalho docente para a manutenção das relações sociais vigentes e qual significado pode assumir para a transformação destas relações.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Ávila, A. B. - **O Campo de Relações entre Cultura e Subculturas: Circunscrevendo a Cultura Corporal** - Florianópolis/SC, UFSC, 2000. (Dissertação de Mestrado).
- Bracht, V. - **Educação Física e Aprendizagem Social** - Porto Alegre: Magister, 1992.
- Ghiraldelli, P. J. - **Educação Física Progressista: A pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira** - 5ª ed., São Paulo: Edições Loyola, 1994.

- Melo, V. A. de - Relação Teoria & Prática e formação Profissional na Educação Física Brasileira: apontamentos na história - **Revista Motrivivência**, Dez.- Nº 08/ano7, 1995.
- Palafox, G. H. M., Terra, D. V. & Pirolo, A. L. - Educação Física: Uma Abordagem Histórico-Cultural de Educação - **Revista Da Educação Física/UEM** 8(1): 3-9, 1997.
- Silva, M. R. S. da - **A Educação Física, O corpo e o Movimento Humano na Perspectiva do Mundo do Trabalho** - Porto Alegre/RS, URS, 1996. (Dissertação de Mestrado).
- Sousa e Silva, R. V. - **Pesquisa em E.F.: determinações históricas e implicações epistemológicas** - Campinas: SP, 1997. (Tese de Doutorado).
- Souza, M. da S. - **Educação Física e Racionalidade Contraposições na Modernidade**. Florianópolis/SC, UFSC, 1999. (Dissertação de Mestrado).